

A LINGUAGEM E SEUS INSTIGANTES MISTÉRIOS

Moema de Castro e Silva Olival

“A linguagem é a morada do ser”

Heidegger

Sermos recebida como sócia correspondente pela Academia Brasileira de Filologia representa, para nós, ponto alto no nosso currículo de militante das Letras e do magistério superior, na área do estudos relativos à Língua Portuguesa, Literatura e Crítica Literária, além de ser um gesto inesquecível de confiança dos ilustres pares, aos quais agradecemos, comovida, prometendo esforço redobrado no ritmo das pesquisas e ensaios e pronta colaboração no que nos for solicitado.

Disse-nos o grande mestre e ilustre presidente professor Leodegário Amarante de Azevedo Filho, ao solicitar-lhe alguma orientação para este grande momento: Moema, você tem de quinze a vinte minutos para falar; faça uma síntese de suas atividades no campo mencionado, através de suas obras publicadas. Assim, atrevemo-nos a uma apresentação o mais possível sucinta, mas que, esperamos, nos aproxime para diálogos culturais promissores.

Professora titular de Língua Portuguesa desde 1962, quando foi criado o Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Goiás, (UFG), em 1972, fizemos o doutoramento na USP, na área de Letras Clássicas e Vernáculos, onde defendemos tese em torno da obra de nosso memorável Bernardo Elis. A pesquisa, de início, intitulada *Os sintagmas na obra de Bernardo Elis* foi publicada em 1976 já com o novo título: *O Processo sintagmático na obra literária* sugerido por um dos membros da banca Examinadora, Dr Alfredo Bosi, dada, segundo ele, a abrangência da matéria exposta. Sempre atenta aos fatos expressivos da língua, então nosso campo de visão abarcava, de preferência, a Estilística/Lingüística, sem descuidar, contudo dos meandros literários do processo criador, como, justificando seu parecer a respeito, explica o professor Alfredo Bosi: “(...) Quem entra na leitura da tese, amparada só pelo título, não espera topar com tal riqueza de perspectivas. (...). O ensaio vale-se da ciência lingüística para sondar as potencialidades de uma certa escrita ficcional. (...). Digo mais: explorando a hipótese de Barthes e de Todorov, pela qual a narrativa é uma longa frase, a tese almeja tocar a “literariedade” e a “narratividade” mesmas do texto, estendendo o campo da investigação da sintaxe pra a teoria do discurso narrativo. (...) Sugiro que ao título se acrescente alguma indicação de que é a visada estilística que conduzirá o estudo”. Daí o título *O processo sintagmático na Obra literária*.

Este, o primeiro livro. Por que a explicação?

É que, após o doutoramento, já trabalhando para a criação do Mestrado em Língua e Linguística da UFG, curso hoje consolidado, com respeitável produção de dissertações, cada vez mais, nos cursos que lá administramos, fomos nos dedicando ao campo da Literatura, da Estilística Literária, da Crítica, matéria que será objeto do nosso segundo livro *O Espaço da crítica*, publicado pela UFG, em 1998, e que, felizmente, teve aceitação favorável, elogiosa mesmo de grandes nomes da área no espaço nacional, dentre eles, Fábio Lucas, Fernando Py, Leodegário A. de Azevedo Filho, Gilberto Mendonça Teles, Antônio Carlos Secchin, Sébastien Joacchin e outros. Em 2000, fruto de longa pesquisa que realizávamos em torno do GEN, grupo de escritores novos, que teve atuação marcante nas letras em Goiás, a partir de 1963, e do qual, alguns nomes hoje se colocam entre os mais conceituados expressivos escritores de nosso panorama literário, publicamos livro de ensaios críticos, in *GEN: um sopro de renovação em Goiás*, que mereceu o primeiro lugar no concurso Nelly Alves de Almeida, certame promovido pela Universidade Salgado de Oliveira, e que, na escolha do nome, teve como motivação, gesto para homenagear nossa escritora e filóloga, inclusive membro desta Academia, D. Nelly. E, agora, acabamos de entregar ao Instituto Goiano do Livro, para edição, nossa quarta produção, desta feita um longo ensaio historiográfico-crítico: *A Crônica: dimensão literária e implicações dialéticas*, em que buscamos mostrar os processos de evolução do gênero, – tanto tempo tido como sub-gênero – passando pelo espaço nacional e nos detendo no regional. Nele, tentaremos pincelar, na temática em foco, os traços mais delatores, buscando livrá-lo da confusão que pairava e ainda paira, por vezes, sobre sua caracterização, hoje, sem dúvida, disputando espaço na imprensa lida e televisiva, nas revistas e livros, sempre no intuito de realçar seu papel atualizado de texto atuante como poderoso auxiliar no papel de formador de opinião e da visão crítica do leitor, o que o obriga a ser cultuado com mais consciência em torno, sobretudo, do labor literário a que deve ser submetido.

De nossa primeira experiência com a docência da Língua Portuguesa, em tomadas diversas, havendo adentrado, por vários anos, o espaço da Filologia Portuguesa, e tendo presente a definição clássica da referida ciência, tida como “o conhecimento de um povo, num dado momento de sua história, através de seus monumentos literários”, sempre pareceu-nos evidente que a condição básica e fundamental girasse em torno do profundo conhecimento da língua, instrumento de construção e registro dos referidos monumentos.

Acompanhamos, sempre, com interesse, os estudos filológicos publicados, ou em livros, ou revistas, como *Linguagem* – revista brasileira de estudos de língua e literatura – nº 7. R. J. Presença, 1990 ou em importantes coletâneas como a organizada pelo professor Leodegário A de Azevedo Filho: *Estudos Filológicos* – em homenagem a Serafim da Silva Neto – R.J. Ed. Tempo Brasileiro Ltda, 1967, ou outra coletânea, da Edusp,: *Estudos de Filologia e Linguística* – organizada em homenagem ao grande professor Isaac Nicolau

Salum – T. A Queiroz, editor e Editora da Universidade de São Paulo, 1981, e quantos nos trouxeram, através da palavra especializada de notáveis na área – entre eles, alguns que, neste momento, me dão a honra de suas presenças como o prof. Leodegário, prof. Evanildo Bechara, ainda, o prof. Ricardo Cavaliere que nos deu a honra da bela saudação, – a possibilidade de acompanhar as etapas do desenvolvimentos da Filologia em nosso País ou mesmo no exterior.

Desde os ensinamentos básicos sobre o assunto extraídos de livros como o do mestre Silveira Bueno em seu *Estudos de Filologia Portuguesa*, SP. Edições Saraiva, 1963, pelos quais o campo de estudo dessa ciência privilegiaria a língua culta, fixada pela escola, pelos livros, (mesmo que nela estejam inseridos elementos da norma popular, como mostra de um painel, como testemunha da cultura de determinada região ou de determinada época), interessando-lhe, talvez mais até que a fonética e a morfologia, a sintaxe-semântica por ser esta a expressão do pensamento, da psicologia do povo onde se encontram as características de sua mentalidade, diríamos hoje, que ela se interessa pelo estudo da Língua em toda sua amplitude. Portanto, área privilegiada do estudo das relações valores/funcionais, uma vez que eles se tornam altamente pertinentes em relação a uma proposta cultural.

Isto, ao contrário da Lingüística, que não se interessa pela língua culta, por considerá-la artificial, mais ou menos fixa, representando já o ponto culminante de uma lenta evolução Daí, seu objetivo ser justamente o contrário: as falas primitivas, valendo-se, sobretudo, da morfologia e da fonética uma vez que, assim, chega aos princípios gerais que presidiram à transformação do idioma. Também, é bom lembrar que enquanto o método da Lingüística é o Histórico-comparativo, o da Filologia, se recorre aos registros de norma gramatical, para inteirar-se do estado normativo da Língua em um determinado período, também se vale dos registros crítico-literários dessa Língua, na busca do perfil cultural do referido usuário, portanto, assenta seu processo de investigação nos fundamentos do respectivo método .

Nos critérios de interesse específico, em primeiro plano, residem, pois, as condições essenciais para o domínio dos estudos de Língua e de Literatura. Sempre presentes, ao alcance dos olhos, as grandes modificações que ambos sofreram no correr dos tempos Sobretudo, se considerarmos o impulso, nos primórdios do século vinte, da nova face da estilística, graças a dois mestres que lideram duas correntes de grande importância: Charles Bally (1865-1947), fundador da Estilística da Língua ou da Expressão, ou Descritiva ou Lingüística e Leo Spitzer (1887-1960), figura representativa da Estilística Literária que, acrescida de novos pontos de vista, nos dará a Crítica Estilística moderna.

Então os estudos referidos sofrem um grande impacto, a partir, segundo Pierre Guiraud, da mudança de perspectivas, porque, “ na medida em que pretende ser uma ciência da expressão, essa Estilística é uma retórica. Mas é uma retórica que repousa sobre nova definição da função da linguagem e da literatura, concebidas como expressão da natureza do homem e das suas relações com o mundo.

E por que surgiu esta nova colocação? Como pudemos desenvolver, minuciosamente em nosso ensaio “Estilística lingüística e Estilística literária. Pressupostos da crítica,” apud *O Espaço da crítica*, Goiânia: CEGRAF- UFG, 1998, p. 57, tudo resulta da abertura dos horizontes filosófico-culturais ocorrida no séc. XVIII, quando o mundo existencialista, o nosso, substituiu o mundo essencialista, quando o real passa a ser autenticado pela experiência do homem e, não, por formas e categorias preestabelecidas. E na medida em que o foco de atenção concentra-se no homem, seus valores, sua visão sua maneira de expressar-se, tornam-se objeto de novas considerações.

Nova prática comportamental que eclodirá , como pressupostos consagradores de nova ordem, no início do século vinte, com a conhecidíssima Semana da Arte Moderna, cujos oitenta anos comemoramos, agora. Instala-se, então, para o bem e para o mal, o sinete da dessacralização, tornando o questionamento matéria de ordem, nas Letras, nas Artes, na linguagem em geral. *Freqüentemente, nos assalta a reflexão: haverá, após todas as mudanças de olhar ocorridas desde o romantismo, realismo, naturalismo, pré-modernismo, (parnasianismo e simbolismo,) modernismo, pós-modernismo com os aspectos revolucionários da vanguarda, a partir de 1955, (com que se acentuaram as técnicas de experimentação) e que se diluem numa contemporaneidade indefinida, ainda, haverá, pois, algum processo novo, instigador, em marcha?*

*Qual a máscara que induzirá ao reflexo do homem deste milênio? Se Sartre já havia prognosticado que através de recursos transformadores da realidade, como a visão surrealista, o fantástico, o absurdo, o homem não buscava senão reaver sua própria imagem. Se sabemos que o processo de dessacralização tornou-se a palavra de ordem do século vinte, com o desabamento dos mitos tradicionais, mas, importante , com a liberdade da respectiva recriação, então, nessa nova *sintaxe da inquietude* é que deveremos caminhar buscando atinar com o que possa ter ficado de permanente e construtivo no referido panorama revolucionário, trabalhando no campo que é nosso: o da Língua, nos avanços da sócio- lingüística e da lingüística textual; o da Literatura, alicerçado pelas conquistas do primeiro , e tecido pelos ventos das correntes filosóficas, com efeitos comuns às Artes em geral. *Que perfil de nosso tempo, ambas poderiam desenhar?* Isto, porque Língua e Literatura são instrumento fundamental de um objetivo maior, funcionando como canais essenciais para que a Filologia atinja seu grande escopo: o conhecimento da civilização de um povo através de seus monumentos escritos*

Em torno desse projeto, é que escolhemos fazer algumas considerações.

Aproveitamos, a respeito, deixa de resenha crítica de Armando Ferreira Gens Filho e Rosa Maria de Carvalho Gens quando – a respeito do livro de Dau Bastos: *Das trips, coração* (R.J. Marco Zero, 1984), resenha publicada na revista *Linguagem*, nº 7, Presença, 1990 — mencionam “Não é por acaso que o autor rompe com o modelo clássico do herói, trazendo à cena um Ulisses

urbano que vive a sua epopéia navegando na fragilidade da crise.” Aliás, o vulto do anti-herói já se institucionalizara, para nós, a partir de *Macunaíma* de Oswald de Andrade. Assim, o que presenciamos, de preferência, hoje, é um Ulisses épico que agora vive sua epopéia atomizada “navegando na fragilidade da crise”. De tal modo, que falar, no momento, sobre língua e o homem, seu usuário, tanto no processo da comunicação quanto no espaço da criação literária é, antes de tudo, enigma fascinante, e, o que é importante, provocador, mesmo porque, na literatura, ela é apenas uma das faces do todo significativo: a obra literária. Conteúdo e expressão reunidos na síntese dinâmica da forma literária. E que na seara da linguagem sazonom, como terreno fértil, prenhe de potencialidades, as sementes do mistério. Isto não é novidade. Nas palavras de Frei Manuel do Sepulcro, esta marca vitalícia está registrada: “cada língua tem seus mistérios como suas propriedades; e são suas propriedades, seus mistérios.”

E neste mote de enigmas e questionamentos, pensamos em partir de uma questão de grande abertura que servisse como gancho para exposição do que podemos realizar em nossas pesquisas. Então escolhemos como temática que patrocinasse nossa exposição, esse campo minado, mas instigante, o dos relações/ valores funcionais, tratado nos diferente níveis: homem expressão, homem-cultura, homem-visão especular, homem-universo, tocando na investigação do processo criador, para o qual o sólido conhecimento do instrumental lingüístico é guia fértil como veio condutor na construção do mundo virtual do escritor. Então, num primeiro momento, partimos de uma base lingüística. Para isto, nos servimos, para reforçar nosso posicionamento, de depoimentos transcritos no ensaio “Precursores da gramática do texto”, de Cília C. Pereira Leite (Madre Olívia) - PUC, publicado na revista já mencionada *Linguagem*, quando encontramos opiniões, antigas e recentes, como a de Jaime de Magalhães Lima, em 1923, mais intuitivo que sistematizador, mas que abre leque interessante de considerações, a respeito. No seu estudo “A língua Portuguesa e seus mistérios”, diz ele: “A profundidade a que a lingüística e a filologia modernas têm descido é estupenda... Todavia, neste processo... sente-se que alguma coisa ficou estacionária, e dela não sabemos mais nem melhor do que há dois mil anos sabíamos...a região dos mistérios. (...) O reconhecimento da existência e impenetrabilidade dos mistérios constituirá talvez o maior progresso do nosso tempo.”

Constata-se, cada vez mais, que os limites desses mistérios se restringem, na medida em que avançam as novas descobertas das Ciências da linguagem, mas, enquanto mecanismo de elaboração mental, do processo cerebral e emocional do homem, seu destino, o da linguagem, será sempre enigmático, dinamicamente enigmático e questionador.. Daí o apaixonante mister de trilhar as sendas secretas do usuário do sistema lingüístico em seu código particular de expressão, (Estilística Lingüística) ou da arregimentação deste código, na criação ficcional de seu mundo virtual, e as respectivas buscas de se encaixar no plano universal, realizando-se a simbiose vital para a literatura: individual/

universal, terreno fomentador da visão da crítica literária. O primeiro, base segura para os objetivos do segundo.

Hoje, no plano lingüístico, comenta nossa ensaísta, quando discorre sobre a obra do grande filólogo Mário Barreto: *Gramática Portuguesa* (2 ed^a Ed José Olympio, SP. 1945,) “ a ciência já compreendeu melhor a natureza do fenômeno lingüístico e pode distinguir a linguagem do pensamento, que é a língua propriamente dita, da linguagem da comunicação, que é o idioma. Na raiz dessa distinção está outra igualmente importante: a dos três códigos. O primeiro, o dos signos lingüísticos, relações/valores, de ordem mental, psíquica. O segundo código, o dos sons articulados, dos idiomas. O terceiro código, o das letras, dos idiomas que usam a escrita. E completa: os valores funcionais têm a ver com o primeiro código, o da linguagem pensada. É sobretudo dele que decorre a trama de relações/valores textuais.”

E, a respeito do venerando vulto de Sousa da Silveira, no seu livro *Lições de Português* (4^a ed. Ed. Nacional, SP. 1940), no terreno da Língua, ainda, mostra como o mestre levou 139 páginas para discorrer sobre o que ele chama de sintaxe especial das diversas espécies de palavras, em que examina os valores que podem assumir na frase e exemplifica a transposição da classes gramaticais. Atualmente, nomes de renomados Gramáticos e Filólogos como Evanildo Bechara, Celso Cunha, publicações como *Filologia e Lingüística*, São : Edusp, 1981, divulgando estudos importantes de estudiosos na matéria lingüística, sobretudo, na edição mencionada, do mestre Isaac Nicolau Salum, trazem mais luzes sobre aspectos diversos das questões suscitadas.

Portanto, conclui a ensaísta, “chamar a atenção sobre “valores funcionais” no estudo da linguagem, é abrir o rumo certo em direção ao problema do contexto e, por conseguinte, do texto.” P. 27

Quando, por exemplo, em nosso primeiro livro *O processo sintagmático na obra literária* (p. 74), no capítulo intitulado “Língua e tema- sintagmas representativos”, comentando sobre a natureza reivindicatória da proposta literária de Bernardo Elis, que tinha em mira sua realidade regional e social, tendo, por isso mesmo, na língua, uma arma de luta, uma arma caricatural, mencionamos exemplos representativos como “ Êta chão *parado*” C. D. p. 20, ou “ Paisagem *bronca*” E. G. p. 205, ou “ sol *macho*” E. G. p. 219 ou “A casco de burro e pião de carro de boi, abriram-se as estradas desse mundão *analfabeto* de Brasil” E. G. p. 22.

E, isto, porque nos pareceu que o processo combinatório, relacional, dos sintagmas foi especialmente pertinente, reunindo expressões de áreas semânticas díspares, e não poderia traduzir melhor o estado primitivo de nosso interior, àquela época. Portanto, tínhamos, no processo criador de Bernardo, ao escolher seu léxico, sintagmas *caracterizadores da fabulação*, toda ela girando em torno de uma subvida, resultante da justiça coronelícia, da violência, da ignorância e

atraso que imperavam e imperaram por tanto tempo em nossa terra. Pisávamos, então, em decorrência, ainda em grau inicial, este campo misto língua- literatura

Expostos os pilares da temática escolhida como nosso eixo de observações sobre relações, valores/ funcionais, que afetam, como dissemos, em planos diferentes, tanto a Língua quanto a Literatura, uma vez que temos a frase gramatical e a frase narrativa, há outra face a considerar.

Vejam os. Como encarar as relações funcionais face à ruptura do pensamento lógico, consagrado pelo modernismo, trazendo a verticalidade das relações espaciais, numa visão advinda das artes plásticas, enriquecida pelos novos códigos culturais, visuais, sensiti vos, cinematográficos, através das montagens e transposições de sentido? E, ainda, os frutos dos reflexos da evolução das novas ciências sobre o homem, direcionando os estudos críticos, e sua performance contemporânea: Darwin e o evolucionismo, Hartmann e Henry Bérgson, e o intuicionismo, que revoluciona a teoria do conhecimento e a filosofia com exploração do inconsciente, e as avançadas conquistas na área da psicologia, Sigmund Freud que induz com os seus estudos a um mergulho em profundidade no mais profundo recôndito da alma humana, filósofos especialmente da linha fenomenológica, existencialista e psicanalística como Heidegger, Sartre e Alberré, todos colaborando forte para uma das marcas do Modernismo: o homem e seu avesso; a dessacralização , o desmascaramento do homem, colocado diante de si mesmo, Walt Whitmann e o verso livre , e todas as marcas dessacralizadoras da arte mais ismos que influenciaram a mudança dos rumos do pensamento e da conseqüente expressão, como o expressionismo os movimentos de vanguarda representados pelo cubismo, concretismo, surrealismo, práxis e processo, etc. Convém relevar que o concretismo e práxis, assumindo o culto do pensamento ideogramático, em que impera o processo analógico, a sintaxe espacial advinda das artes plásticas, assumem projeção relevante como geradora de intenso dinamismo relacional.

Descoberta fundamental, como sabemos, a acionar os tempos modernos da arte foram a noções sobre fundo-forma. Estes elementos, vistos como seções estáticas, em separado pela Retórica clássica, sofreram virada fundamental. É que na era da Estética moderna, desfraldada por Benedetto Croce (1866-1952), o criador do idealismo estético moderno, temos abraçada, entre outras coisas, a posição hegeliana da obra como um todo, fundo e forma sendo faces de uma mesma moeda, em unidade dinâmica. Este, o conceito fundamental da arte moderna, a virada sensacional no campo das relações, dos valores funcionais. Arte considerada como 'forma':-conteúdo e expressão reunidos numa unidade dinâmica, fato já anteriormente mencionado, em que " todo o mundo do artista, cultura, pensamento, sentimento, está submerso". Croce, como evidencia Luiz Costa Lima (*Estruturalismo e Teoria da Literatura*. Petrópolis: Vozes, 1973), será o primeiro filósofo a iniciar o sincretismo das linhas Platão- Hegel, Aristóteles- Kant, abrindo vereda a ser explorada na modernidade. Embora classificando-se, inicialmente, como hegeliano, ele deriva, intelectualmente, de Juan Bautista Vico (1668- 1743). E de Francisco de Sanctis. Sua estética traz

traços hegelianos, quando propugna a unidade do espírito humano como fonte cognoscitiva. Mas envereda-se por outra trilha, quando, renovando e superando a perspectiva espiritualista de Vico, de De Sanctis, de Humboldt, explora a teoria da intuição de Bérqson, reconhecendo a intuição como faculdade capaz de gerar conhecimento e estabelecendo a arte – o terreno do subjetivismo – como de caráter autônomo e alógico, isto é, isento de conceitos, numa representação individual. Como ilação e discussão dos estudos de Northrop Frye, (matéria exposta em *O Espaço da crítica* pp25-44), cuja obra *Anatomia da crítica* é referência obrigatória nos estudos críticos atuais, e para quem a concepção da crítica se firma como uma estrutura do pensamento, evidenciamos a tese, de que, em nossos dias, o homem, na sua dimensão histórica e na sua dimensão ontológica, será matéria entranhada – através da linguagem – na perspectiva da crítica da obra.

E será, portanto, a linguagem da obra, o cadinho em que se funde- pelo avanço nos estudos sobre o homem e sobre o alcance de seu potencial de expressão, por força da conscientização do fazer literário e conseqüentes resultados enriquecedores – a dupla visão filosófico – estética que recebemos da tradição clássica em separado.

Voltemos às considerações sobre a s conseqüências da ruptura do pensamento lógico, ocasionada pelos fatores apontados e consagrada pelo modernismo e aspectos instigantes do comportamento da linguagem.

Então, os vínculos lógicos são superados pelos fatores subjetivos, conduzidos pelos fluxos de consciência. E a arte de narrar se contamina com os processos cinematográficos, através dos recursos de montagens, responsáveis, em grande parte, com o efeito plurívoco, polifônica da linguagem. e com a já mencionada verticalização dos valores relacionais, funcionais, a linguagem narrativa ganha em flexibilização e dinamicidade.

Assim, o momentâneo, o fragmentário, o móvel, o subjetivo, atitudes alimentadas, já vimos, principalmente pelas artes plásticas, assumem a liderança nos meios de captar a vida que passa a ser um contínuo “Vir-a-ser”.

Num primeiro momento, a transformação fez-se sentir na frase lingüística; num segundo momento, na frase narrativa, com a inversão dos tradicionais recursos da poética, como as noções gradativas de princípio , meio e fim etc.

A linguagem exercita novas posturas narrativas, novas máscaras, desdobrando-se nos jogos da ambigüidade e do hermetismo, exigindo recursos de transposição e ambigüidade do discurso, que exercitam novo planos dos valores/relações funcionais, como, por exemplo, os parodísticos, alegóricos e surrealistas, com o fantástico e o absurdo, que aguçam a expressão e respectivas imagens, sempre na visada desse novo homem enigmático, “posto nu diante de si mesmo” como já vimos, que luta paradoxalmente, escorpionicamente, escusando-se, no processo da revelação, ainda que o almeje angustiadamente como meio de libertação.

Daí a importância dos ensaios críticos, na medida em que penetram nos espinheiros desse novo processo criador, descortinando-o para o leitor, fazendo a exegese dos novos valores funcionais, procurando desvendar-lhe alguns dos mistérios da criação, sempre guiada pelo pensamento de Anna Hatherly : “ Um dos aspectos característicos da ‘crítica moderna’ é considerar que a verdadeira leitura é a leitura crítica (...) o que implica entre o crítico e a obra ou o sujeito da obra, um certo número de cumplicidades inevitáveis (1979, p. 113-116). Então, buscamos, especialmente, em *O Espaço da crítica e em GEN: um sopro de renovação em Goiás*, ainda alertada pelo conceito expresso por Álvaro Lins de que “ a obra de arte deve conter mais questões que respostas”, buscamos, pois, destrinçar a obra, na perspectiva da obra aberta, sabendo que, hoje, o leitor é, de certa maneira, um co-autor, ainda que monitorizado pelo centro vital da obra que se desvela na medida dos recursos de investigação. Obra cuja linguagem será a artífice de um processo criador.

E apreendê-la, em algumas ou várias de suas possibilidades de leitura, é operação instigante, capaz de aguçar os espíritos criativos. Induz a penetrar nos segredos dos recursos estéticos adotados pelos autores na construção das respectivas obras, buscando tornar a expressão sólida coadjuvante da proposta na construção do seu mundo virtual, prática seguida em nossos ensaios críticos expostos em *O Espaço da crítica*, de que poderemos citar, aleatoriamente alguns, : “A estética do fragmentário” que versou sobre o laureado livro de contos do escritor Miguel Jorge, *Avarmas* (SP. : Ática, 1978), e que se acha incluído em *O espaço da crítica*, ou: “Eli brasiliense: Uma sombra no fundo do rio-uma narrativa cinematográfica,” ou , versando, como veio forte a ser investigado, sobre o recursos modernos da intertextualização parodística, tão responsável pela dinamicidade da narrativa, o ensaio sobre o livro *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, intitulado: “ José Saramago - A voz narradora e a liberdade da criação”. E tantos outros.

A linguagem, pois, é contemplada enquanto exercita seus poderes de disfarce, de ocultação, na assumência de novas máscaras

“ O princípio básico que ativou a busca de novos recursos na expressão literária foi a renovação do homem em seus valores existenciais. *Novo homem, nova linguagem*. E o homem da segunda metade do século XIX é um homem em crise, desarticulado com o repentino progresso filosófico-científico e as consequências socioeconômicas que o incitam às mudanças.

Também, importante lembrar, giramos em torno de uma nova concepção de linguagem. Linguagem da obra entendida, hoje, como tudo o que nesta obra significa, até o próprio silêncio, bem como os estratos simbólicos, imagéticos, psicossociológicos, históricos, míticos etc. que a compuseram, sendo a obra encarada como um todo, um cosmos universal uno, regido por suas próprias leis e- relevante notar- como uma obra de arte a ser fruída pelo leitor a quem cabe a respectiva decodificação criativa, esta objeto da estética da recepção. Importante lembrar o registro de um momento histórico de uma consciência

criadora. A adesão a esse momento poderá representar o nascimento de uma escritura criadora, capaz de caracterizar aquela obra no espaço e no tempo. E, sem dúvida, representará rico manancial para a Filologia do futuro.

Inclusive, alterando os limites, já mencionados aqui, do referido campo de estudos dessa ciência, que passará, então, a ter como subsídios não só o testemunho da língua culta, registrada conforme os parâmetros tradicionais, mas uma língua enriquecida por novos vínculos como o da oralidade e das relações espaciais, sobretudo no campo das imagens, fatores de maior flexibilização e dinamismo, liberados pelo modernismo e responsáveis pelo polifônico perfil dos “monumentos literários” (construídos com nova linguagem literária) que servirá, para a Filologia, como testemunho do novo perfil cultural de época.

Portanto, esta parece ser a grande atitude da crítica contemporânea. Avaliar a capacidade de arregimentação trazida a lume através da linguagem da obra, monitorizada por uma voz narradora em que se dectetará não só o momento da consciência histórica de seu criador, as dimensões existenciais por ele projetadas na obra, mas, e principalmente, os critérios estéticos de organização, responsáveis pela tensão relacional discurso-diegese, por exemplo, e que respondem pela dinamicidade da leitura, ou pela articulação de seu universo mítico- alegórico- simbólico.

Porque, se, como afirma Roberto Schwarz, a vida é uma linguagem, pesquisá-la na recriação pela literatura já é tarefa de uma metalinguagem, ou melhor, de uma linguagem especial: a da crítica.

Nesta “mudança do olhar”, a crítica literária deverá ter condições para desentranhar e mesmo rediscutir quaisquer referências, ou indícios, ou perspectivas daquele *corpus* examinado, mesmo que estejam dissimuladamente articulados nas tramas de sua linguagem uma vez que, nela, tudo significa. Como estariam, então, gravados para a posteridade, os monumentos literários de nosso tempo? Como não considerar-lhes os respectivos marcos indicadores de um estágio de violenta evolução - e respectiva expressão - do perfil cultural de época? Não estaria aí novo repto para a Filologia?

Assim, o campo que escolhemos, guiados pelo título de nosso texto, parece ter sido exposto em seus eixos propulsores, de tal modo que parece irrefutável, dadas as forças que condicionam a linguagem, o instigante mistério que a preside por todo o sempre. Como também parece irrefutável, o enriquecimento que decorre da exploração crítica dos veios que a condicionam, o que sempre buscamos fazer no correr de nossos ensaios, sendo cada setor de embricamento dos seus valores funcionais, promissora fonte de exploração, tanto em nível de língua quanto de literatura, uma vez que a obra é una em sua estrutura significativa, sendo ambas, expressão e criação ficcional, matéria decisiva para o momento de valoração crítica daquele universo virtual.